



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal do Brasil

Data: 18/06/2015

Caderno/Link: <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2015/06/18/usp-se-envolve-em-polemica-por-ranking-sexual-de-alunas/>

Assunto: USP se envolve em polêmica por ranking sexual de alunas

USP se envolve em polêmica por ranking sexual de alunas

O clima predominante na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (**Esalq**), unidade da Universidade de São Paulo (USP) situada em Piracicaba, nos últimos dias foi de repúdio, vergonha e revolta. O motivo: um cartaz que foi pendurado por um grupo de estudantes locais no Centro de Vivência do campus.

A faixa, escrita à mão com uma caneta preta, era uma espécie de "ranking" formado por três colunas, cada uma com uma "característica sexual" atribuída a determinadas alunas. Ao lado de cada nome, a quantidade de pessoas conhecidas com as quais a garota em questão já manteve relações sexuais. Além de ofensivas, as palavras faziam referência a conteúdos racistas e homofóbicos.

"Houve muito repúdio a isso. As pessoas ficaram em estado de choque. É inaceitável. Nele havia vários preconceitos de gênero, raça e orientação sexual. Aquelas pessoas ali identificadas se tornaram motivo de chacota. Elas aparecem e recebem olhares, comentários, risos. Isso é tão baixo", disse o professor Antonio Ribeiro de Almeida Junior, do departamento de Economia, Administração e Sociologia da universidade.

O docente pesquisa casos de abuso na **Esalq** e também em outras instituições há 14 anos e chegou a participar da CPI dos Trotes no início do ano. De acordo com ele, ainda não se sabe quem foi responsável pela ação, mas esse tipo de comportamento já é conhecido em algumas repúblicas de estudantes locais.

"Na CPI, levei cerca de 1,5 mil matérias jornalísticas que relatavam casos de abusos em trotes e em outras circunstâncias. Depois disso, as coisas mudaram um pouco. Aqui na **Esalq** foi criado um grupo de direitos humanos que envolve alunos e docentes, por exemplo. E a direção tem aberto sindicâncias. Antes, havia omissão não só da USP, mas de outras universidades também. Havia um comportamento de convivência. O diretor que assumiu neste ano já abriu umas 20 sindicâncias para investigar os casos. Esse instrumento ajuda, mas claro que não é suficiente. As universidades precisam ter políticas de educação que melhorem a convivência e coíbam preconceitos", concluiu.

Procurada, a assessoria de imprensa da **Esalq** não se pronunciou até o fechamento desta reportagem.